

Mau exemplo começa com os líderes

BRASÍLIA — Até mesmo alguns líderes partidários da Câmara, que deveriam representar um exemplo a ser seguido, praticam o nepotismo. Enquanto uns ainda tentam encontrar justificativas para manter os parentes em seus gabinetes ou escritórios nos Estados de origem, outros recuam e rompem os contratos, temendo a repercussão junto à opinião pública.

O Líder do maior partido brasileiro, Genebaldo Corrêa (PMDB-BA), parece não estar muito preocupado com as críticas. Ele não dispensa a ajuda de seu filho Adriano Araújo Corrêa, que lhe presta serviços em seu escritório em Salvador. Adriano recebe pelo trabalho um salário de Cr\$ 500 mil. Em

bora o deslocamento de funcionários do gabinete de um parlamentar para outro local não seja ilegal, significa de certa forma um privilégio, já quem trabalha nos gabinetes é obrigado a bater o ponto, o que não acontece nos escritórios.

Já o líder do PDC, Eduardo Siqueira Campos, demonstra constrangimento com a presença do irmão José Wilson Siqueira Campos Júnior, em seu gabinete. Ele garante que o funcionário foi herdado de seu pai, Siqueira Campos, ainda no tempo em que o ex-Governador de Tocantins era deputado.

— Meu irmão já trabalhava com meu pai. Ele está no gabinete há oito anos. A nova Constituição permitiu a efetivação dos servidores com mais de cinco anos de trabalho. E meu irmão, junto com outros funcionários na mesma condição, entrou na Justiça requerendo a estabilidade. Por isso, eu não poderia exonerá-lo. Achei melhor aguardar a decisão da Justiça — se justifica Eduardo Siqueira Campos.

O Líder do PDS, Victor Faccioni (RS), que foi reeleito, está entre os que se preocuparam com o resultado de pesquisas de opinião pública, que demonstraram o baixo prestígio dos parlamentares. E tratou de dispensar, no final da legislatura passada, o assessoramento de sua mulher, a psicóloga e economista Iole Zatti Faccioni. O Líder do PTB,

Gastone Righ, também dispensou este ano os serviços de seu filho Henrique Righ, com os quais contou durante a legislatura passada.

— Por um certo período, na legislatura anterior, precisei do assessoramento de minha mulher, que coordenou meu escritório no Rio Grande do Sul. Depois a dispensei, para dar o exemplo. Não quis mais ter parente no meu trabalho. Acho melhor assim. Sempre reclamam quando contratamos parentes. Com isso, dispensando os serviços de minha mulher, dou uma demonstração de desapego. Sem falar que abro uma oportunidade para outras pessoas também capacitadas — justifica-se Faccioni.